

A COTA SINDICAL

Urge resolver este problema!

Mui propostadamente, tenho deixado de me referir a necessidade da unificação da cota sindical e do seu estabelecimento em um mínimo de \$50 por semana.

E digo propostadamente, pelo facto de aguardar que, em volta de este assunto, se trocassem impressões que julgou indispensáveis, para conhecimento das vantagens ou desvantagens advindas da praticabilidade da proposta.

Publicamente, só o camarada Armando Martins se referiu a ela, dando o seu aplauso.

A Comissão Organizadora do Congresso ainda não se ocupou do assunto, ou se ocupou não fez constar dos seus comunicados. Estou convencido, contudo, que não deixará de o fazer atendendo à importância do assunto, tanto importante, quanto é certo o julgarmos como dos primeiros que deve resolver-se, pois só assim se obteriam receitas capazes de enfrentar as despesas inevitáveis que há a fazer.

Tem os militantes operários ocupado a sua atenção na discussão da Caixa de Solidariedade e bem assim do problema dos Sindicatos Unidos.

Isso é importante, não há dúvida, mas importante como o da cota sindical, pelo menos.

Comença por o organismo nacional de solidariedade só poder ter os resultados que levaram o camarada Nascimento Cunha a propô-lo, se as importâncias que lhe forem destinadas pelos cotistas sindicais for coisa que se veja; de contrário a Caixa de Solidariedade será uma dolorosa bagagem.

E' mais uma despesa, e importante por sinal, a acrescentar àquelas que já apontamos.

E' mais uma justificação do que pretendemos.

Conhecendo eu particularmente a opinião de diversos camaradas, admira-me como a não tenham manifestado publicamente, influenciando para que se consiga efectivar o que me levou a escrever mais duma dúzia de artigos.

Evidentemente que esses camaradas não são, por si só, a classe operária, que eu não sei o que pensa a tal respeito, se bem que tenha fundadas razões para a julgar amiga da sua organização, isto é, amiga de si própria e consequentemente disposta a lutar com aqueles que só desejam a sua existência para a explorar, como qualquer matulão que viva à custa de uma mulher de vida fácil — *fácil* por uma convenção burguesa.

E deixem-me dizer-lhes: a pôr-se em prática em todos os Sindicatos do país, a cota semanal de \$50, teríamos construído uma forte fortaleza.

Lutaríamos melhor com uma colectividade para a existente e que pomposamente se intitula "confederação patronal", nada confederando, por sinal — rima mais verdadeira...

E se não fosse a força que lhe emprestam os governantes, então...

Nós, trabalhadores, só temos que contar com o nosso esforço e por conseguinte temos que desenvolvê-lo.

Antônio C. B. ARAUJO.

O Selo do Faminto

A todos os sindicatos, organizações sindicais, políticas ou filosóficas do país e a todos os indivíduos em geral

A fome horrível que nas estepes da Rússia e nos penhascos de Cabo Verde vem ceifando milhares e milhares de existências, vítimas indefesas da Natureza, tem que ser vencida a todo o custo.

Todos os elementos, por mais futeis que eles pareçam à primeira impressão, são bons, e é dever indeclinável de todos aqueles que ainda não tem os seus sentimentos embotados pelo egoísmo o mais estreito, prestar a cota parte do seu esforço para que o maior número possível de vidas possam ser salvas dessa morte mil vezes horrível.

A acção de socorros por selos com que esta comissão resolveu encetar os seus trabalhos pode ser auxiliada por todos com uma mínima parcela de esforço ou, melhor, de simples atenção e cuidado.

Basta que cada indivíduo ou organização grãde, em vez de os deixar fora, os sobrescreva ou cinte de toda a sua correspondência com os selos respectivos. Não é mesmo necessário ter o trabalho insignificante de separar esses selos dos envelopes. Nós o faremos.

E esses pequenos bocados de papel que até aqui se inutilizavam, vendidos aos coleccionadores que os apreciam, transformar-se-ão em pão para os famintos.

Não podendo esta comissão dirigir-se directamente a todos os organismos acima indicados, não só por desconhecermos muitas das suas direcções mas também porque é necessário economizar o máximo possível, roga esta comissão a todas essas organizações e indivíduos que se considerem por este meio convidados a enviar-nos todos os selos da sua correspondência para a sua sede: R. do Arco Marquês do Alentejo, 30, 2.º, Lisboa.

Fôram já enviados para a Alemanha, ao Comité Internacional de Socorro Operário, como primeira remessa, 4.800 selos.

A Comissão das Juventudes Comunistas para auxílio aos Famintos.

Atenção

Quando os selos não estejam soltos, é conveniente cortar o envelope em volta deles de maneira a não os inutilizar.

Recebem-se todos os selos do correio nacionais ou estrangeiros, novos ou usados, antigos ou em circulação, enviando-os com o endereço acima indicado.

Classes que reclamam

Corticeiros de Belém

Adreção da secção dos operários corticeiros de Belém convida os operários corticeiros de todas as casas da área a nomearem comissões para envolver todos os seus industriais para saber quais as suas disposições sobre o último aumento de salário feito pela Secção de Cortiças da A. I. P., devendo as mesmas comissões apresentar as respostas dos mesmos industriais na reunião que se realizará hoje, pelas 19 horas.

Manipuladores de tabacos

Reúnem-se amanhã os delegados desta classe a fim de apreciar o que estado se encontra o andamento das suas reclamações e, principalmente, da do novo abono prometido e autorizado pelo ministro das finanças mas que a companhia ainda até hoje não distribuiu aos seus operários.

A delegacia resolveu procurar alguns membros do Conselho de Administração a fim de insistir que a distribuição do referido abono seja feita com toda a brevidade em virtude da necessidade da classe que mal pode suportar a crescente carestia da vida. Também resolveram procurar o relator da comissão de finanças para apressar o seu parecer sobre a proposta dos tabacos em consequência da agitação em que se encontra toda a classe, motivada pela exigência dos seus salários.

Pessoal dos hospitais

A Associação de Classe do Pessoal dos Hospitais Civis tomou conta dos trabalhos da Comissão e resolveu continuar em sessão permanente até resolução definitiva da questão. Além das "demarches" já feitas foi dado conhecimento das reclamações da classe às instâncias superiores, antes de se entregar na Câmara dos Deputados. A Comissão está elaborando um manifesto para distribuir pelo público, por todos os deputados e senadores, no momento em que o projecto de lei das subvenções entre em discussão. Nele se demonstrará que os vencimentos do pessoal dos hospitais em 1901 eram irrisórios e que já em 1914 deviam estar aumentados em mais de 100% para fazer face às necessidades do momento.

A vida de miséria que então arrastava aquela classe, deu ocasião a que o pessoal procurasse repetidas vezes os sucessivos directores gerais que após a implantação da República tem dirigido os hospitais a fim de com os recursos ao seu alcance concederem gratificações ou comodidades a pretexto de serviços prestados visto que o aumento do vencimento era sempre protelado.

Congresso Marítimo Nacional

Reina grande entusiasmo, pela realização do próximo Congresso, das classes marítimas, sendo muito para louvar o facto de todas as organizações que aderiram terem pago a sua cota de adesão: 150\$00, tendo alguns, como os marinheiros, estivadores e fragateiros, elevado a sua cota, por resolução das respectivas assembleias gerais, a 200\$00.

A comissão organizadora tem tido com muita regularidade todas as terças e quintas-feiras, tendo muito adiantados os seus trabalhos, estando já também em elaboração as teses que serão apresentadas à apreciação do referido congresso e que são: Tese remodelando a Federação Marítima; relatório da Federação eleita no congresso realizado em 1914; relatório da comissão organizadora do próximo congresso; tese sobre a criação de escolas e bibliotecas para os marítimos associados e seus filhos; tese sobre relações sindicais, com as confederações nacionais e internacionais; tese sobre o estreitamento de relações especiais, com as federações com que estejam mais em contacto industrial as classes marítimas; tese sobre a abolição das empreitadas pelo estabelecimento do trabalho a jornal.

As missões que partiram em propaganda para o Ribatejo e Norte do país tem enviado correspondência algo animadora sobre a maneira com que tem sido recebidas e ainda com que tem sido acolhida a realização do próximo Congresso Marítimo, sendo já grande o número de sindicatos aderentes.

Reclamações de presos

Da cadeia-officina de Coimbra recebemos uma carta em que nos são relacionadas várias desumanidades.

Assim os presos estão proibidos de mandar vir comida de fora, não lhes é permitido ter dinheiro, quer eles seja enviado pela família ou ganho pelo trabalho. O rancho é imundo, intragável. Do rancho comem vários animais como uma vaca, porcos e galinhas. Enquanto os animais vão engordando os presos vão emagrecendo, por não poderem suportar o rancho. Pode dizer-se mesmo que ele é fornecido para alimento quasi exclusivo dos citados animais.

Está lá um guardião chamado Mário Bento que trata os presos duma maneira insolente. Como se vê, os presos estão nas cadeias numa situação tão ou mais deprimente que a dos animais no estábulo.

A propósito do alvitre para a criação duma caixa de solidariedade

Depois de ter apreciado as opiniões expendidas por vários camaradas sobre a constituição de uma caixa de solidariedade nacional, e não concordando eu em parte com algumas dessas opiniões, entendo de mim dever emitir também a minha opinião sobre tão interessante assunto. É claro que para justificar o objectivo em vista necessário, embora de uma maneira velada, de fazer algumas considerações que julgo indispensáveis.

Estou absolutamente de acordo com a constituição da referida caixa por reconhecer a sua inteira necessidade, não só para que se auxilie convenientemente todos os presos por delito social, como para que a acção da organização sindical se faça sentir mais revolucionariamente.

Todos nós constatamos a gravidade do momento presente, que nos indica uma indispensável uniformidade de vistas, aliada a uma maior soma de esforços de maneira a darmos à organização maior capacidade revolucionária, fazendo terminar com a indiferença quasi sistemática de que a mesma, há tempo a esta parte, tem estado privada.

Todos nós sabemos que o número de militantes tem diminuído de uma maneira extraordinária.

E porque? Precisamente pela falta de solidariedade material. Existem quatro caixas de solidariedade, criadas pelas indústrias do mobiliário, metalúrgica, manufacturas de calçado e construção civil. Elas tem procurado auxiliar tanto quanto possível os seus componentes quando presos por conflitos emergentes da questão social. A que mais tem contribuído tem sido a construção civil, que tem garantido desde a sua constituição aos seus associados o auxílio diário de 1\$50, auxílio que enfrentou as necessidades dos presos e de suas famílias, enquanto a vida não encareceu.

Outro tanto não se tem verificado desde que o custo da vida começou a elevar-se duma maneira extraordinária, pois 1\$50, para pouco mais chegou a que garantir o tabaco aos presos. Eis, pois, camaradas, o motivo porque alguns militantes se tem afastado um pouco da labuta sindical. E que esses camaradas sabem muito bem que quando presos por virtude do seu esforço prestado à organização, imediatamente viam entrar nos seus lares a mais terrível miséria, sendo portanto esse o motivo do seu afastamento.

Há também um punhado de camaradas, que levados por consciência própria, e ainda por um temperamento natural, se tem exposto a todos os sacrificios para fazer respeitar todas as resoluções da organização, quer por parte da burguesia, quer por parte da massa inconsciente, que na maioria dos casos se deixa arrastar pela maledicência daqueles que nos exploram.

Sem a indispensável solidariedade que farão os presos amanhã, quando em liberdade?

Estarão dispostos a arcar com sacrificios desta natureza?

Eu penso que não. De resto os próprios presos assim pensam, pois que tiveram ocasião de muito lealmente nos indicarem como factos as anomalias.

Pode a organização desempenhar-se da missão que lhe está marcada no mo-

vimento social, desde que todos nós continuemos sujeitos a esta situação miserável, quando presos? Não. O que resta então fazer para obviar a este mal? É criarmos uma caixa de solidariedade nacional. Vai realizar-se o Congresso Nacional Operário e nele deve ser criada a referida caixa, a qual, em minha opinião, deverá funcionar junto da C. G. T., com autonomia administrativa, devendo o seu funcionamento obedecer a um regulamento que deverá ser apreciado no congresso, bem como o quantum a pagar semanalmente por sindicato para a referida caixa, embora eu esteja de acordo que deve ser de \$5 centavos, incluindo esta importância no selo confederal. Desta forma nenhum confederado poderá deixar de prestar a devida solidariedade.

Sou também de opinião que a acção da caixa deve ser extensiva a viúvas e orfãos dos camaradas que baqueem em conflitos de ordem social, ou em virtude de doenças alcançadas ao serviço da organização, motivado pelo sacrifício constante prestado à mesma, em benefício dos seus componentes.

Entendo ainda que não deverão extinguir-se as caixas existentes, por não encontrar na manutenção da sua existência qualquer desvantagem para a caixa nacional. Essas, só deverão deixar de existir quando a caixa nacional estiver convenientemente fortalecida, e que, portanto, a tal nos indique, devido nessa altura passar toda a receita das várias caixas sindicais que existirem para a caixa nacional — caixas que existirem na organização sindical.

Essas camaradas as minhas aspirações à era da constituição da caixa de solidariedade nacional.

Alfredo LOPES

Uma agressão bárbara

A cerca de uma local que ontem inserimos, pedem-nos a publicação do seguinte:

Camarada redactor: A propósito de uma notícia publicada com a epigrafe acima mencionada dizendo ter sido bárbaramente agredido António Pedro Fomenica, pelo cabo Matos da esquadra da Lapa, e em abono da verdade e não como defesa dos dois indivíduos em questão, porque de tal não são merecedores, venho demonstrar que o primeiro pelo seu passado é até pelo presente deixa muito a desejar.

Se esse indivíduo, o Fomenica ainda trabalha, é para fugir à perseguição da policia, pelo seu cadastro e ainda por viver à custa das infelizes e da batota, apesar de ser casado e ter filhos.

Porém, para demonstração dos ruins instintos de que é dotado, basta dizer-se que, pela mais insignificante causa, esgarateia qualquer criatura como se tivesse realmente abraçado a arte de cortar e a prová-lo está o camarada José de Sousa, de 70 anos, a quem cortou as artérias de um braço que o deixou impossibilitado de trabalhar. Também o camarada Samuel levou uma facada no ventre, sendo preciso operá-lo da laparotomia.

E como estes, idênticos casos se passaram com outros camaradas, num número aproximado de trinta e de infelizes que tiveram a infelicidade de

Colisen dos Recreios

HOJE — às 21 (9 da noite) — HOJE

Companhia Italiana de Opereta

1.ª representação da opereta de grande espectáculo do maestro Pietri

ADEUS JUVENTUDE!

Música deliciosa — Cenários deslumbrantes — Magnifico desempenho

Amanhã — Espectáculo de acionistas. — 2.ª representação da deliciosa opereta de Franz Lehar

EVA

AS GREVES

Operários mobiliários

NOTA DO COMITÉ

Camaradas: A famosa e terrífica circular parida pela mejeira "patronal", publicada nas colunas de *A Batalha*, causou sensação entre os que se encontram apavorados pelo papão.

Foi um balão de oxigénio aplicado aos dementados e desmaiados patrões e que só serviu, como aliaz todos os truces até hoje lançados, para nos reavivar, ao mesmo tempo que para o fantasma foi de efeitos contraproducentes.

O medo vai dando lugar ao ujo, e alguns dos vigarizados patrões vão fugindo das exalações pestilentas e dissolvendo-se em enanos do anuro a que foram arrastados.

Alguns dos mais timoratos que já não sabem o que lhes reservará o final da greve, com um riso alvar e em forma de consolação dão-se a dizer que conhecem muitas oficinas cujo pessoal trabalha em condições desfavoráveis... não as citam porque... não estão para isso. Aconselhamos-lhes a que procurem — e talvez achem — os seus colegas que já ultrapassam as nossas reclamações. Mas, já mais, e tanto que a grande patronal, jamais descobrirá com toda a sua argúcia. As mais fiéis firmas provarão a "patronal", com uma escrita falsa que jamais a trairão...

São suas fiéis amigas para a vida e para a morte!

Alguns industriais ansiosos porque algum dos desembarce da camisa de onze varas, dão-se a indicar-nos muito à suplica que, visto termos já muito poucos operários paralisados, demos a greve por finda.

Tal não faremos! A greve só acabará quando os srs. patrões quizerem, quando se derem por convencidos que não há razões de ordem moral ou material que justifiquem a sua atitude. Provocar-nos para a luta, aceitámos; no campo leal, nos tem encontrado e nos encontraremos sempre até que alcancemos a bem merecida vitória!

Por hoje registamos mais a adesão às reclamações dos industriais srs. Agostinho Aguiar Baptista e Alberto dos Santos.

Assim vamos marchando até que os restantes patrões acordem.

O comité central

A assembleia magna reúne amanhã, às 19 horas. A comissão de donativos recebeu do S. U. da Construção Civil, para auxílio aos mais necessitados, a quantia de 38\$47.

Quadro tipográfico de O REBATE

Continuam em greve os tipógrafos do jornal *O Rebate*. Não é verdade

Soldadores de Almada

Camarada redactor: — Pedimos a publicação desta carta no nosso órgão *A Batalha*. É um brado de revolta, contra um dos muitos inimigos dos operários.

Queremos referir-nos ao sr. José Pinto, industrial em Cacilhas.

Como é de todos sabido, os soldadores de Almada pediram há tempo aumento de salário, sendo atendidos em parte. Pois os industriais, deixando-se acorrentar à vontade do sr. José Pinto, só pagaram a primeira semana o aumento, fechando as fábricas para só as reabrir com os antigos preços, despedindo ao mesmo tempo 6 camaradas que compunham a comissão de melhoramentos.

Não sendo ocasião propícia para a classe agir como era preciso, retomou o trabalho nas condições propostas.

Porém, as perseguições do sr. J. Pinto não ficaram por aqui, pois que apesar da vontade demonstrada por alguns industriais em resolver o assunto pendente, o sr. Pinto tem-lhes imposto a sua vontade para que tal não façam. Ainda há mais o seguinte: Oficiou para todas as empresas de conservas a fim de que estas não dêem trabalho aos soldadores despedidos!

É o querer matar à fome não só os soldadores despedidos, como ainda as companhias e vilãos!

Veja, camarada redactor, o fel que se alberga no coração de tal criatura! Não se lembra o sr. J. Pinto, que nós precisamos de trabalhar de dia a dia para nos sustentarmos, em quanto que ele só vai à repartição receber o ordenado, pois que sendo amannas da administração de Almada, já há um pouco de meses que ali não põe o pé!

Pois é este o tirano que nos está a coarctar a tanta decantada liberdade de trabalho, querendo assim matar à fome tantas criaturas.

Mas estamos certos que tal não conseguirá, e ainda havemos de provar a tal rocheiro o quanto de mau critério ele adoptou, e que os explorados de hoje não são os explorados de ontem.

Não queremos, camarada redactor, roubar mais espaço ao nosso jornal, que tantas causas sacrossantas tem a defender, e creiamos sempre vosso e da causa — *Operários sindicalistas*.

lho cair nas suas graças

Sobre o cabo Matos basta dizer que sobre o Dezembro, quer actualme-

nte, quer perseguido e perseguido camaradas de ideias avançadas.

Pelo exposto, o camarada redactor fará o juízo que julgar conveniente acerca de criaturas deste quilate que pretendem armar em vítimas. — *Artur Pinko Alonso* (estudador sindicalista).

LUA NOVA

NO
MARIA VITORIA
SUCESSO ENORME

Recitas da Moda

AS GREVES

Operários mobiliários

NOTA DO COMITÉ

Camaradas: A famosa e terrífica circular parida pela mejeira "patronal", publicada nas colunas de *A Batalha*, causou sensação entre os que se encontram apavorados pelo papão.

Foi um balão de oxigénio aplicado aos dementados e desmaiados patrões e que só serviu, como aliaz todos os truces até hoje lançados, para nos reavivar, ao mesmo tempo que para o fantasma foi de efeitos contraproducentes.

O medo vai dando lugar ao ujo, e alguns dos vigarizados patrões vão fugindo das exalações pestilentas e dissolvendo-se em enanos do anuro a que foram arrastados.

Alguns dos mais timoratos que já não sabem o que lhes reservará o final da greve, com um riso alvar e em forma de consolação dão-se a dizer que conhecem muitas oficinas cujo pessoal trabalha em condições desfavoráveis... não as citam porque... não estão para isso. Aconselhamos-lhes a que procurem — e talvez achem — os seus colegas que já ultrapassam as nossas reclamações. Mas, já mais, e tanto que a grande patronal, jamais descobrirá com toda a sua argúcia. As mais fiéis firmas provarão a "patronal", com uma escrita falsa que jamais a trairão...

São suas fiéis amigas para a vida e para a morte!

Alguns industriais ansiosos porque algum dos desembarce da camisa de onze varas, dão-se a indicar-nos muito à suplica que, visto termos já muito poucos operários paralisados, demos a greve por finda.

Tal não faremos! A greve só acabará quando os srs. patrões quizerem, quando se derem por convencidos que não há razões de ordem moral ou material que justifiquem a sua atitude. Provocar-nos para a luta, aceitámos; no campo leal, nos tem encontrado e nos encontraremos sempre até que alcancemos a bem merecida vitória!

Por hoje registamos mais a adesão às reclamações dos industriais srs. Agostinho Aguiar Baptista e Alberto dos Santos.

Assim vamos marchando até que os restantes patrões acordem.

O comité central

A assembleia magna reúne amanhã, às 19 horas. A comissão de donativos recebeu do S. U. da Construção Civil, para auxílio aos mais necessitados, a quantia de 38\$47.

Quadro tipográfico de O REBATE

Continuam em greve os tipógrafos do jornal *O Rebate*. Não é verdade

Soldadores de Almada

Camarada redactor: — Pedimos a publicação desta carta no nosso órgão *A Batalha*. É um brado de revolta, contra um dos muitos inimigos dos operários.

Queremos referir-nos ao sr. José Pinto, industrial em Cacilhas.

Como é de todos sabido, os soldadores de Almada pediram há tempo aumento de salário, sendo atendidos em parte. Pois os industriais, deixando-se acorrentar à vontade do sr. José Pinto, só pagaram a primeira semana o aumento, fechando as fábricas para só as reabrir com os antigos preços, despedindo ao mesmo tempo 6 camaradas que compunham a comissão de melhoramentos.

Não sendo ocasião propícia para a classe agir como era preciso, retomou o trabalho nas condições propostas.

Porém, as perseguições do sr. J. Pinto não ficaram por aqui, pois que apesar da vontade demonstrada por alguns industriais em resolver o assunto pendente, o sr. Pinto tem-lhes imposto a sua vontade para que tal não façam. Ainda há mais o seguinte: Oficiou para todas as empresas de conservas a fim de que estas não dêem trabalho aos soldadores despedidos!

É o querer matar à fome não só os soldadores despedidos, como ainda as companhias e vilãos!

Veja, camarada redactor, o fel que se alberga no coração de tal criatura! Não se lembra o sr. J. Pinto, que nós precisamos de trabalhar de dia a dia para nos sustentarmos, em quanto que ele só vai à repartição receber o ordenado, pois que sendo amannas da administração de Almada, já há um pouco de meses que ali não põe o pé!

Pois é este o tirano que nos está a coarctar a tanta decantada liberdade de trabalho, querendo assim matar à fome tantas criaturas.

Mas estamos certos que tal não conseguirá, e ainda havemos de provar a tal rocheiro o quanto de mau critério ele adoptou, e que os explorados de hoje não são os explorados de ontem.

Não queremos, camarada redactor, roubar mais espaço ao nosso jornal, que tantas causas sacrossantas tem a defender, e creiamos sempre vosso e da causa — *Operários sindicalistas*.

lho cair nas suas graças

Sobre o cabo Matos basta dizer que sobre o Dezembro, quer actualme-

nte, quer perseguido e perseguido camaradas de ideias avançadas.

Pelo exposto, o camarada redactor fará o juízo que julgar conveniente acerca de criaturas deste quilate que pretendem armar em vítimas. — *Artur Pinko Alonso* (estudador sindicalista).

Teatros

"O Emigrado", de Paul Bourget, no Teatro Avenida, em festa artística de Chaby Pinheiro

Presta-se a variados comentários "O Emigrado" de Paul Bourget que Chaby escolheu para a sua noite de festa e cujo papel coubera a Ferreira da Silva, a quando da representação desta peça no Teatro da Trindade. Paul Bourget é um escritor com um feitiço psicológico bastante subtil, que de algumas das suas obras fez um verdadeiro manual de discriminação de temperamentos, sem desprezar certas insignificâncias que a muitas pessoas se afiguram perscrutáveis, mas que ao bom observador servem tantas vezes de norte para o apuramento definitivo dos caracteres. No entanto Bourget, apesar do seu discernimento claro e do seu análise aberto, usa quasi sempre da prudência de se pôr fora dos momentos e das pessoas que visa, esquivando-se cautelosamente a julgar e por consequência a condenar ou defender atitudes e ideias que ele propostadamente deixa à sanção dos que conhecem a sua obra. Há paixões que colidem entre si, há embates de doutrinas que se opõem?

Nos que digamos onde medra o antagonismo, os outros que defendam as lógicas afirmações, não é, que se limitou a movimentar os personagens, revolvendo-lhe o intimo, sem expurgar o que é inútil ou prejudicial, ou enaltecer o que é legítimo ou aceitável?

Se da obra de Bourget já tínhamos esta opinião, mais se avigorou ela, depois que no palco do Avenida se apresentou "O Emigrado", que desconfiamos, se bem que na nossa bagagem literária poucos trabalhos seus não se incluíam. Há indubitavelmente na peça como que uma hossa a nobreza do feudalismo; faz-se a apologia dos seus costumes seculares enraizados nas gerações que se sucedem e vinculados na passividade gostosa da passividade que os reconhece e aceita porque assim deve ser, como se o fatalismo do sangue obedecesse a uma pueril inamovibilidade e nada houvesse que o pudesse destruir na sua linha demarcadora de nobres e plebeus.

Contraopondo-se ao veio tradicional levanta-se a argumentação, errada dum suposto filho em que o atavismo desigualmente se verifica, o que tanto dá razão aos que proclamam a indestrutibilidade da raça como aos que se riem da continuidade do sangue através de muitos séculos. A justificação da nobreza da estirpe quanto à racionalidade da sua supremacia ficaria a pé, se acontecimentos e objeções posteriores o não tivessem reduzido a subsistência.

Não como solução definitiva mas como explanação de ideias, o diálogo entre o Marquês de Claviers e Land é soberbamente feito, constituindo como *testes* a resolver pelo espectador uma bela página teatral.

Depois, no terceiro acto, o encontro dos oficiais é uma lição de honra singular em que a razão parece assistir a todos e em que os critérios divergem, manejando cada um o seu, conforme o que a cada um, também, se apresenta como mais adaptável ao seu tipo pessoal.

Para o militar que serve a pátria, disciplina é relativa e a obediência variável se é posta em cheque a sua crença religiosa. E, quando o camarada de caserna que acredita que a nobreza da profissão militar consiste em obedecer cegamente, objecta com a legitimidade do proceder ao soldado que por ser socialista se nega a marchar para a guerra, o crença já não concorda, apodando de covardia esse acto.

Bourget nesta colisão de critérios, deixa mais uma vez suspensa a sua maneira de ver, relegando para o espectador o problema. Afinal todos os convencionais estereis se desfazem, porque o destino mais

Para aromatizar-se agradávelmen-
esta bebida, juntam-se-lhe algu-
gotas de essência de limão, ou um
pedra de açúcar esfregada pela pele
mesmo fruto, ou da lima, etc.

